

# Perspectiva da Convergência ao Estado de Consciência Universal e Unificação Política

*Perspective of the Convergence of the State of Universal Consciousness and Political Unification*

*Perspectiva de Convergencia para el Estado de Consciencia Universal y la Unificación Política*

Cilene Gomes\*

## RESUMO

A reflexão sobre a construção do Estado Mundial apresentada fundamenta-se na perspectiva da superação de divergências e criação de convergências conscienciais e ações afins. Visando a

expandir a proposição da questão com revisão bibliográfica e prática reflexiva sobre experiências pessoais, procedeu-se à reunião dos entendimentos a respeito do Estado Mundial e à formulação da abordagem das convergências; por fim, apontou-se a necessidade do compromisso das consciências individuais com desconstruções e reciclagens para aprimorar o Estado Mundial enquanto utopia realizável no aqui e agora.

**Palavras-chave:** Agente Confluençial. Cosmovisão. Divergência. Estado Mundial. Reciclagens. Universalismo.

## ABSTRACT

This reflection on the World State is based on the perspective of forming consciencial convergences, along with related actions, and overcoming divergence. Aiming to expand the proposed question through bibliographic reviews and reflections on personal experiences, the author garnered a general understanding of the World State and formulated an approach regarding convergences. Finally, the author illustrates the need for each consciousness to commit to personal deconstructing and recycling in order to improve the World State as a feasible utopia, here and now.

**Keywords:** Confluent Agent. Cosmovation. Divergence. Recyclings.

\*Natural de São Paulo-SP. Graduada em Arquitetura e Urbanismo. Pós-Graduação em Geografia Humana e Planejamento Urbano e Regional. Voluntária da Associação Internacional de Conscienciologia para a Infância (EVOLUCIN) e da Associação Internacional de Parapedagogia e Reeducação Consciencial (REAPRENDENTIA). E-mail: cilenegomes2011@gmail.com

Universalism. World State.

#### RESUMEN

La reflexión presentada sobre la construcción del Estado Mundial, se fundamenta en la perspectiva de la superación de divergencias, la creación de convergencias concientes y acciones afines. Con vistas a expandir la proposición de la cuestión, con revisión bibliográfica y práctica reflexiva sobre las experiencias personales, se procedió a la reunión de entendimiento respecto del Estado Mundial y la formulación del abordaje de convergencias. Finalmente, se destacó la necesidad del compromiso de las conciencias individuales a partir de deconstrucciones y reciclajes para mejorar el Estado Mundial cual utopía realizable en el aquí-y-ahora.

**Palabras-clave:** Agente Confluencial. Cosmovisión. Divergencia. Estado Mundial. Reciclajes. Universalismo.

#### INTRODUÇÃO

**Prioridade.** A consciência quanto ao destino dos homens no planeta tem sido objeto de reflexão em âmbitos diversos do conhecimento científico. No contexto das ciências convencionais ou das especialidades conscienciológicas, os limites da tolerância às ideologias hegemônicas de um pensamento único (SANTOS, 2000, p. 159; GUIMARÃES, 1999, p. 141) podem ser ultrapassados pelo enfrentamento de desafios, possibilitando ampliação da consciência individual e coletiva, no sentido de plena universalidade e construção unificada de regimes democráticos genuínos.

**Desafios.** A tarefa não é simples. O convívio social e político harmonioso é conquista árdua de superações ininterruptas dos embates entre grupos e indivíduos, Estados, povos e nações. Envolve a presença de novos entes organizadores, outra política e outras normas, menos poder de violência e menos interesses exclusivistas.

**Contexto.** Nessa premência de novos esclarecimentos, o artigo nasceu da motivação criada pelo curso Teáticas da Megafraternidade (Juriscons, São Paulo, setembro de 2015) e pela vivência interassistencial experimentada, similar à da Tarefa

Energética Pessoal (tenepes), mas em nova amplitude.

**Conexão.** A lição parapedagógica aí obtida delineou-se pelas conexões com exercícios da escrita conscienciológica da autora, onde temas da Paradiroitologia estão presentes, a exemplo do fluxo cósmico, universalismo, paz e megafraternidade. A ideia de ampliar a reflexão contida nos escritos pessoais, cotejando-a ao tema do Estado Mundial, reforçou-se com a palestra Paradi-reito e Estado Mundial, acessada pelo Blog da Paradiroitologia ([www.juriscons.org](http://www.juriscons.org)).

**Perspectiva.** Com os referidos estímulos, a perspectiva da convergência consciencial para a construção do Estado Mundial logo se esboçou como direcionamento e abordagem do artigo. Entende-se a emergência do estado de consciência universal no fluxo evolutivo como um estado superior de consciência individual e coletiva, um resultado possível, aqui e agora, de crescimento ontológico mediante superação continuada das divergências entre grupos e consciências.

**Criação.** Para isso, o posicionamento e compromisso de cada consciência, criando sinergias diante de situações adversas, tornam-se indispensáveis.

**Outro.** A *práxis* conscienciológica assim entendida só pode ser baseada, permanentemente, em autopesquisa, reflexão e autoesclarecimento conjugados ao aprimoramento do senso pessoal e coletivo da megafraternidade, subentendendo o caminho de compreensão lúcida da consciência quanto ao encontro mais fraterno e assistencial com o outro – o sentido da convergência ao outro.

**Problemática.** Ensaiai ideias para fundamentar as afirmações anteriores conduz a dois questionamentos centrais, a seguir, em ordem funcional:

**1. Desarmonias.** Não parece perfeitamente natural que os grupos e consciências se afastem, se separem, discordem entre si, se contraponham? Como supor um estado pleno de harmonização das diferenças ou incompatibilidades?

**2. Recins.** Não seriam as divergências com o outro sinais de não aceitação de nós mesmos, consciências humanas, e de mudanças necessárias em nós mesmos?

**Objetivo.** A reflexão procura atribuir uma perspectiva de valor à vivência interassistencial sinérgica resultante da escolha

consciente de viver em consonância com a “maxiconvergência incessante”, para a “própria evolução autolúcida dinâmica” (VIEIRA, 2012, p. 4414), buscando ver mais; ser mais; e unir mais (CHARDIN, 1986, p. 25).

**Sincronia.** O trabalho encaminhou-se pela recuperação sincrônica de experiências reflexivas e pela escrita com aportes bibliográficos e incursões conscienciológicas recentes.

**Ordenação.** Propõe-se o desenvolvimento ordenado das ideias, partindo, na primeira seção, da formulação do entendimento primordial sobre o Estado Mundial.

**Sequência.** Parte-se da suposição conscienciológica do Estado Mundial ser compreendido, em suma, como o estado de consciência universal buscado e alcançado gradualmente a partir do momento evolutivo de cada um. Na segunda seção, cumpre reconhecer em meio às divergências os desafios interpostos à qualificação continuada da autoconsciencialidade, relativamente à heteroconsciencialidade.

**Sinergias.** Na terceira seção, ressalta-se a dimensão criadora das consciências, indissociavelmente ligada à responsabilidade pelo passo a passo evolutivo, levando a novas experiências do estado de consciência universal.

**Conclusão.** Por fim, importa trazer à argumentação a questão da necessária desconstrução do poder consciencial manifesto pelas relações interpessoais ou intergrupais baseadas no contraponto *domínio-sujeição*, para reafirmar, na ação e por meio dela, os princípios maiores da Paradireitologia, tais como, o respeito cosmoético e a solidariedade consciencial (VIEIRA, 2015, p. 20), junto a outros valores universais afins: compaixão, tolerância, generosidade, senso universalista (PINHEIRO, 2015).

## I. ENTENDIMENTOS GERAIS SOBRE O ESTADO MUNDIAL

**Conotações.** O Estado Mundial pode ser compreendido segundo três entendimentos, a seguir em ordem alfabética.

1. **Globalização.** O primeiro condiz com a ideia de que o Estado Mundial se refere ao momento atual da história humana, frequentemente reconhecido pela globalização contemporânea, mas certamente longe de equivalência real. Para o al-

cance do Estado Mundial, outra espécie de globalização seria engendrada, a partir da superação das contradições inerentes ao capitalismo.

**Crise.** Aqui, o “Protoestado Mundial” subentende, ademais, o estado atual de crise da civilização, da evolução social e cultural da humanidade e, portanto, ocasião ideal para reflexão e mudança de “modelos referenciais” para o pensar, o agir político, o viver.

**Crítica.** Para Santos (2000, p. 116-117), “o problema crucial é: como passar de uma situação crítica a uma visão crítica – e, em seguida, alcançar uma tomada de consciência”, dos atuais limites da evolução e dos sinais indicativos da transição para outro período da história, outro mundo possível, outra globalização, à base de posicionamentos contrários ao caráter excludente da globalização política, econômica e cultural vigente, valorizando formas diversas de solidariedade consciencial (VIEIRA, 2015, p. 20) e união.

2. **Política.** Outro entendimento refere-se ao Estado Mundial enquanto organização política da vida planetária, onde o Estado nacional, em seu contexto e campo de jurisprudência, teria seu poder soberano enfraquecido (ROCHA e SEIDEL, 2012) ou sua autonomia relativizada, diante da necessidade de exercer outro tipo de mediação entre inúmeros agentes externos e internos ascendendo hoje com força diferencial.

**Pressões.** Tornar-se-iam prementes ao Estado-Nação discernimento e ponderação das pressões ou leis maiores estabelecidas pela união dos Estados e outros agentes transnacionais, e dos múltiplos poderes nascentes de formas diversas de mobilização, organização e consciência social.

**Caminho.** Aqui, o Direito Internacional torna-se caminho inevitável para a reconstrução da Política Internacional e do Estado Mundial.

**Ascendências.** Por hipótese, a construção do Estado Mundial ou de outra espécie de globalização só poderá se constituir e se sustentar pelas consciências individuais e a partir delas, pelos estados consensuais de consciência de grupos diversos, de origens e culturas diversas – de “baixo para cima” (SANTOS, 2000, p. 166). E seguindo o sentido evolutivo “do melhor para todos”, por ascendência aos sucessivos níveis de unificação socio-

cultural e política, onde todos (Estados, agrupamentos, indivíduos) e cada um encontrariam, em dado momento histórico, “seu valor final na unidade de um Todo organizado” (CHAR-DIN, 1986, p. 281).

**Dissolução.** Para suprir a distância entre a situação vigente de um Estado-Nação com relativa soberania (diante de organizações supranacionais) e a supremacia do universalismo nos seres humanos, o esclarecimento a promover parece ajustar-se à dissolução de ideologias (SANTOS, 2000, p. 159) fabricadas para legitimar ações hegemônicas perversas. Na sustentação de *dominação-exploração* e repulsa às diferenças socioculturais, a imposição de um pensamento único tem se efetivado, como irrecusável, por meio do ideário da competitividade, da especulação, do consumo, da democracia de mercado, da ética individualista.

3. **Universalidade.** O terceiro entendimento do Estado Mundial importa justamente à referida promoção, supondo, no plano da evolução consciencial permanente, a qualificação das experiências e consciências humanas individuais e coletivas para aprimoramento do senso universalista (PINHEIRO, 2015, p. 380 e 401) e o alcance progressivo do estado coletivo de consciência universal.

**Microcosmos.** Na visão de Rocha e Seidel (2012), se o mundo e o Estado estão em crise estrutural, de ordem consciencial e política, a crise é de todos os habitantes do planeta. A construção do Estado Mundial passaria por nós, pela superação dessa crise em certa medida enraizada em nós. Cada consciência é um microcosmo da crise global atual e será por meio de cada consciência que essa crise poderá ser superada.

**Responsabilidade.** De fato, diz Ryon Braga, o mundo é permeado por conflitos e contradições, problemas e imaturidades de toda sorte. Entender as causas, os processos e mecanismos de produção dessa crise torna-se um dos grandes desafios para todas as sociedades e todos os seres conscientes de que a evolução depende da responsabilidade que se está disposto a assumir (BRAGA, R. *in* PINHEIRO, 2015, p. 18).

**Raízes.** Logo, é preciso interrogar: onde se enraízam as inúmeras manifestações conscienciais antievolutivas? Na progres-

siva e exacerbada violação do respeito humano? Que perspectiva de reeducação consciencial pode orientar a reciclagem do consciencialmente nocivo e o resgate da integridade da consciência humana?

## II. A CAMINHO DAS CONVERGÊNCIAS

**Emergência.** A caminho das convergências pode emergir o estado de consciência universal da humanidade: a consciência pessoal e coletiva dotada do senso de universalidade e comunidade universal, obtido pela qualificação do discernimento e de vivências cosmoéticas.

**Unificação.** No entanto, a reflexão sobre as divergências entre consciências e grupos e o trabalho para superá-las inter põem-se como chaves de acesso para os pontos de convergência que levam aos estados sucessivos de unificação.

**Divergências.** Só é possível que tal abordagem se constitua experimentalmente a partir das experiências tangíveis do cotidiano de cada consciência. Quanta diversidade! Quantas diferenças entre as consciências e grupos!

**Paradoxo.** Paradoxalmente iguais e diferentes; iguais na diferença, ou diferentes na igual natureza consciencial, vive-se cotidianamente inúmeras situações nas quais se impõem afastamento recíproco, resistências mútuas, contrariedades, tensões, separações, desentendimentos, discórdias, embates e disputas, domínios e subjugações, interprisões e assédios – em suma, a separação do homem contra si mesmo.

**Natureza.** As divergências fazem parte do movimento contraditório próprio da evolução – de certos momentos dela –, mas tendem “naturalmente” a se “dissolver”, fazendo o movimento evolutivo prosseguir no sentido das convergências e emergências do novo (CHARDIN, 1986, p. 294).

**Encontro.** Cedo ou tarde, e a depender do fluxo e dos mecanismos da evolução, as divergências se resolvem em pontos de convergência ou união, em diferentes momentos e situações.

**Atitude.** Se tal movimento respeita a natureza da evolução, não será preciso fazer algo, deixando o movimento se transmutar naturalmente? Que entendimentos buscar para melhor compreender a transformação dos estados de divergência em convergências?

**Verpons.** Na orientação de Vieira (2014, p. 10), para a criação de novas verdades relativas de ponta (Verpon) importa selecionar os destaques mentaissomáticos prioritários que envolvem diretamente a consciência com a dinâmica da própria evolução.

**Ensaio.** Assim, talvez se possa partir da noção de divergência temporal (ROSNAY, 1975, p. 263) entre dois ou mais processos evolutivos. Segundo essa abordagem macroscópica da teoria da informação, a defasagem dos tempos evolutivos de duas consciências ou dois grupos é introduzida pela “exclusão competitiva” – outra noção contributiva para explicar o mecanismo evolutivo de base: a seleção natural das consciências melhor adaptadas na luta pela sobrevivência biológica e social.

**Limite.** No nível da sociedade e a respeito da clivagem de consciências ou grupos em estágios evolutivos distintos, destaca-se que a lei da exclusão competitiva encontra seu limite na condição diferencial dos seres humanos (em relação a outras espécies), já em processo de superação de interesses egoístas, guiados por valores morais, éticos e humanitários (ROSNAY, 1975, p. 265).

**Inversão.** É justamente nesse ponto que a reorientação para a perspectiva da convergência pode direcionar atos deliberados de construção de outras inter-relações conscienciais, sociais e políticas, outra ordem de cooperação mundial, onde a diversidade evolutiva, cultural e humana das consciências ou de grupos torna-se indispensável e, tendencialmente, cada vez mais integrada aos novos núcleos unificadores que poderão se firmar no contexto do sistema social mundial.

**Autocatálises.** Ainda sob a inspiração de Rosnay (IBID., 1975, p. 258-259), as divergências seriam equiparadas a flutuações de um equilíbrio anterior. Assim, tornar-se-iam oportunidades para reorganizações da consciência de grupos e de indivíduos, oriundas de “autocatálises” fundadas em orientações de ordens valorativas similares, por exemplo, na abordagem conscienciológica, às finalidades da Paradireitologia – a megafaternidade, o universalismo e a Cosmoética.

**Contrapontos.** Também segundo Joel de Rosnay (1975), dois outros contrapontos, relativos à produção de conhecimen-

to como fundamento das ações, merecem consideração para se entender a dialética *divergência-convergência*.

**Métodos.** O primeiro diz respeito aos métodos de explicação dos fenômenos do universo e da evolução, que se exprimem por meio de:

1. **Explicação causal:** correspondente à visão do universo em evolução que parte de um ponto do passado (uma causa ou causas) e desdobra-se por um movimento de explicações objetivadas, necessariamente de natureza divergente (como os galhos de uma árvore que se expandem a partir do tronco); e

2. **Explicação finalista:** subentendendo a natureza convergente da evolução, porque passível de direcionar a exploração dos entendimentos do universo em evolução a um ponto no futuro, a uma finalidade que pode se integrar a outros fins em níveis mais elevados, por meio de processos em que as consciências ou grupos tomam em suas mãos a construção de seus próprios destinos, empenhando toda subjetividade consciencial, valores, aspirações, desejos.

**Complementaridade.** Contudo, diz Rosnay (1975, p. 250), se adotada a perspectiva da evolução divergente da explicação causal característica da ciência, ganha-se a possibilidade da demonstração e prova científica, mas perde-se de vista a direção, a significação e as finalidades da evolução. Na perspectiva da convergência, ao contrário, ao admitir-se as direções ou finalidades evolutivas, apenas tem-se a oferecer interpretações da consciência que avaliam os fatos acumulados pela observação das experiências (evidências).

**Informação.** Em decorrência, outro contraponto refere-se à evolução de duas formas complementares de meios de informação/comunicação, promovendo o nascimento e desenvolvimento do que se conhece hoje por sociedade em tempo real. Explica Rosnay (1975, p. 200-201): “essas duas evoluções são o prolongamento, no nível social, de dois modos de ação fundamental da consciência individual”:

1. **Observação:** em vista de adquirir conhecimento, de se informar. A disseminação da informação na sociedade contemporânea equivale à forma descendente de informação, que do alto da organização social difunde-se à sua base, gerando, todavia, acréscimo de entropia ou de desordem na consciência;

e

2. **Ação criadora:** em vista de organizar o mundo, de informar, correspondente à informação ascendente, criadora de ordem, novos conhecimentos e informações. Em outras palavras, esse modo de comunicação “pode ser considerado como a transposição no plano coletivo da ação, criadora de informação e organização, que cada indivíduo pode exercer à sua escala” (ROSNAY, 1975, p. 201), contribuindo para o funcionamento de uma organização ou para o desenvolvimento da sociedade. O alto preço para que os indivíduos possam assim participar se paga sob a forma de educação, necessária em todos os níveis.

**Correlação.** Importante aqui é a correlação possível com os estados de divergência e convergência estabelecidos, respectivamente, pelos dois movimentos de informação apresentados, criadores de desordem ou de mais ordem e consciência. À informação descendente equivale o movimento divergente, de difusão rápida da informação, de fácil aquisição de informações. Complementarmente, ao movimento da informação ascendente corresponde o movimento convergente, fazendo confluir as informações a um sistema ordenado ou unificado, a um novo constructo de informações ou conhecimentos produzidos (IBID., 1975, p. 201).

**Associações.** Duas novas associações de ideias podem ainda ser estabelecidas para melhor entendimento do binômio *divergência-convergência*.

**Fluxo.** Uma delas é propiciada pelo estudioso das experiências do fluxo, Mihaly Csikszentmihalyi (2013, p. 64-71), em sua psicologia da felicidade. Compreende a relação entre desordem da energia psíquica ou estados entrópicos geradores de conflitos (divergências) na estrutura da personalidade com a entrada de novas informações provenientes do mundo exterior e, de outro lado, a ordem na consciência propiciando a experiência do fluxo por uma convergência fundamental entre os desafios a serem enfrentados e o envolvimento máximo de capacidades ou habilidades para superá-los.

**Sincronização.** Outra associação se estabelece entre convergência e sincronicidade. Segundo Jung (2011, p. 106-108), as sincronicidades ou coincidências significativas corresponde-

riam ao “princípio de conexões acausais” (causas desconhecidas) para elucidar, de modo complementar ao modelo explicativo da causalidade, outra espécie de organização dos eventos e suas conexões, engendrada por movimentos convergentes entre eventos psíquicos e eventos exteriores.

**Motor.** Na hipótese de ocorrências expressivas de movimentos de divergência (aparentemente antievolutivas) serem, a rigor, adversidades motoras da evolução consciencial, o ato deliberado para superá-las atesta o livre arbítrio lúcido, porque reflexivo, responsável e recriador de homeostase evolutiva (por autocatálises recicladoras), para o alcance de mais consciência, autopacificação íntima e serenidade.

**Visão.** A criação do Estado Mundial parece depender de cada uma das consciências e dos grupos por elas constituídos. Se as situações externas dadas às consciências individuais encerram estados de divergência, elas advêm de incompatibilidades com a estrutura consciencial interna (CSIKSZENTMIHALYI, 2013, p. 64). Resultam, em última instância, do poder atrator/criador das consciências envolvidas, porquanto pensam, sentem e agem o tempo todo emitindo energias, informações, intenções.

**Posicionamento.** Se existe de fato o desejo de superar divergências, será preciso entendê-las para transformá-las. Por isso, torna-se necessário promover acréscimos de visão interna para identificação das raízes conscienciais do autoenvolvimento nas referidas situações de divergência, e dos autoenfrentamentos para superá-las em nós e por meio de nós.

**Tipos.** Quais raízes da autoconsciencialidade terminam por engendrar tipos específicos (e recorrentes) de divergência? Que desafios de reciclagem intraconsciencial e existencial há para enfrentar? Por meio de que ações?

**Recursos.** Comprometendo-se evolutivamente mediante vínculo consciencial com finalidades cosmoéticas, pode-se transformar o mundo para melhor, sendo simplesmente o que se é, e com a autoconsciência e os instrumentos disponíveis, tornando-se melhor e contribuindo igualmente para os outros melhorarem.

**Outro.** Todavia, se a perspectiva da convergência for de

fato o que poderá conduzir à emergência de sucessivos estados de consciência universal e unificação sociocultural e política mundial, é indispensável voltar-se integralmente ao outro e andar o passo a passo de novos caminhos ao lado do outro, com o outro e para o outro.

**Lógica.** Com quem está ao lado (inclusive consciências extrafísicas) ou com quem se convive em diferentes grupos, sejam diferentes agentes sociais de uma comunidade, agrupamentos humanos culturalmente diversos, nações ou Estados, a lógica de sustentação da produção do Estado Mundial parece ter algo em comum: a superação incessante das relações conscienciais divergentes, a caminho do fluxo de convergências recriador de homeostase e do autodomínio regulador dos mesmos.

**Estratégias.** As divergências tornam-se oportunidades evolutivas únicas na construção de projetos comuns e estratégias de colaboração, cooperação ou interassistencialidade.

**Caminho.** O trânsito ao novo momento da evolução humana no planeta requer a eliminação do que é nocivo e o aprimoramento da consciência, para aquisição gradual do senso de lucidez humanitária, universalista e cosmoética, incluindo aqui, naturalmente, a autoconsciência da multidimensionalidade.

**Cosmoética.** É preciso consentir assertivamente com o poder da conduta cosmoética – a mais cosmoética possível em momentos evolutivos diferenciados – das consciências individuais e grupais, para a construção coletiva e prevalência de uma ética única ou unificadora dos valores éticos humanos em sua rica diversidade. A questão é complexa e reside nos pontos de convergência que de fato poderão se constituir enquanto finalidades, valores unificadores, forças unificadoras.

**Lugar.** O que parece estar “em jogo” no movimento evolutivo em que divergências ou convergências estão presentes é a busca de se encontrar um lugar, um valor no todo do qual se é parte integrante em cada situação e momento. Qual o lugar e o valor de certa cultura ética, das múltiplas culturas e éticas, no todo – o Estado Mundial – que as unificará por meio da emergência de novos entes unificadores? Qual caminho levará de fato à transformação das perturbações ou divergências evolutivas, tais as que se apresentam, hoje, na esfera cultural-ideo-

lógica, político-institucional ou econômico-produtiva, por diferentes forças de totalitarismos opressores, autocorrupções e violências?

**Preparo.** Talvez se possa dizer: a custas do preparo reflexivo e consciencial, educativo e cosmoético para a vivência cotidiana e permanente do binômio *admiração - discordância* (VIEIRA, 2012, p. 1996) – admiração pela igual natureza da consciência, pelos traços-forças e traços-fardos em reciclagem presentes em todas as consciências; e discordância, talvez, pela evolução única e diversa que respeita, em essência, a cada consciência.

**Expansão.** Não parece tarefa simples nem imediata o alcance de novo domínio de expansão da consciência coletiva para, de fato, levar a êxito o exercício da *admiração-discordância*. Se tantas vezes se chega a situações-limite ou impasses, causados pelas forças da divergência, não se pode admitir a impossibilidade evolutiva e nem deixar de encarar a realidade constituída pela reunião viva das “partículas reflexivas” (CHARDIN, 1986, p. 282).

**Ação.** O que leva à exigência de máxima autovigilância e busca de discernimento quanto ao papel e significado que a ínfima ação de consciências individuais pode assumir, ou assume de fato, no grande equilíbrio de forças conscienciais e políticas do mundo intrafísico e dimensão extrafísica.

### III. COSMOVISÃO E PRÁXIS UNIVERSALISTA

**Escolhas.** Antes de ser um estado político, o Estado Mundial é estado de consciência (ROCHA e SEIDEL, 2012). Porém, não há como entender a consciência universal e política senão no sentido das escolhas individuais e coletivas e ações coerentes, fundadas no discernimento de valores universais e cosmoéticos.

**Integrante.** Se as consciências integram o universo, o Estado governante do país, as sociedades e povos ou nações sem Estado, tais escolhas são referentes às situações da história e vida cotidiana dessas consciências em seus grupos.

**Concertação.** Tais situações podem apresentar divergências, desafiando os posicionamentos ou escolhas e ações concertadoras.

**Propósitos.** No caso de todo indivíduo, a autopesquisa cons-

tuí movimento propício para reconstrução da visão e superação de desarmonias específicas para a realização dos propósitos evolutivos interassistenciais pessoais.

**Descolonização.** No caso do indivíduo-cidadão, a cosmovisão da história social e política do país torna-se importante para refletir sobre a questão da descolonização das consciências e grupos, a ser trabalhada pela autoinvestigação de traços-fardos particulares e/ou mediante as relações interassistenciais cotidianas.

**Noção.** Entendendo (minimamente) a colonização para além da exploração econômica e do domínio político-territorial de um Estado sobre outro, no alcance mais comprometedor da imposição de ordem cultural e ideológica concomitante, vale perguntar em que nível de colonização as consciências-cidadãs do mundo e do país ainda se encontram hoje.

**Questão.** Que esclarecimento e ação cotidiana, coletiva e individual promover para o desprendimento de amarras sociais impeditivas da assunção de responsabilidades pelo destino evolutivo comum?

**Desafio.** O conhecimento da para-história, das retrovidas e paragenética pode ser útil para a análise proposta, ainda que sua busca constitua imenso desafio dentro e fora da comunidade conscienciológica.

**Cronicidade.** A contradição básica da formação social brasileira, sob o ponto de vista cultural, político e econômico, reside, sem dúvida, nas relações entre grupos e pessoas, fundadas na lógica consciencial expressa pelo binômio *dominação-subjugação*, que ultrapassam o período colonial.

**Explicação.** Interpretações não ilusórias dessa lógica adversa são fundamentais para elucidar os aprisionamentos “cegos” do Estado e da nação aos ditames da política externa e, internamente, dos “não-cidadãos” aos valores hegemônicos uniformizadores e a finalidades alheias aos propósitos genuínos de vida coletiva e individual.

**História.** Para clarear a referida contradição bastaria revisitar questões fundamentais da história brasileira de “quinhentos anos de periferia” (GUIMARÃES, 2002), dentre outras: escravidão, exploração econômica e da força de trabalho, importação de modelos culturais, dependência externa (política e tec-

nológica), segregação social e territorial, alienação e ausência de cidadania de grande parte da população.

**Obstáculo.** Passados cinco séculos, ainda resta indagar: em que medida os indivíduos e grupos têm o discernimento dessa divergência evolutiva ou estrutural impedidora do pleno desenvolvimento social (do Estado e dos cidadãos)?

**Desconstrução.** Rocha e Seidel (2012) convidam à reflexão acerca dos passos a serem dados, sozinhos ou em grupos, no sentido da desconstrução do estado governante em nós, associada à desconstrução do Estado governante do país, da colonialidade do poder político ainda reinante.

**Desapego.** No plano da consciência individual, será preciso abrir mão de atitudes carreadoras dos estados de violação, opressão e repressão ainda presentes em nós, para fazer valer o desenvolvimento do respeito mútuo, da autoconfiança e autonomia evolutivas. Também será preciso superar os estados conscienciais desprovidos das “restrições” do filtro cosmoético, e efetivar o desapego de desejos instintivos e egoístas reforçadores da exclusão competitiva (ROSNAY, 1975, p. 265).

**Utopia.** Sendo a cosmovisão e a *práxis* universalista aprimoramentos essenciais para participar da construção do Estado Mundial, cada país, grupo ou pessoa deverá aprender a discernir e respeitar as diferenças e a renunciar a algo exclusivo para si em favor do prioritário ou melhor para todos. Eis a grande utopia, pertinente e realizável, todavia, a partir do aqui e agora, das mínimas ações promovedoras da economia de males e de forças de convergência e união.

**Aprendizados.** Para a busca incansável do bem comum, a flexibilização dos pensamentos, sentimentos e energias é um dos grandes aprendizados conscienciais a vivenciar no campo próprio das atuações individuais e interações cotidianas em que a Parapedagogia torna-se praticável.

**Sinergias.** Esclarecer para o posicionamento/compromisso favorável às reciclagens intraconscienciais e, em cada situação, à criação de sinergias de natureza convergente constitui um direcionamento seguro para a *práxis* universalista.

**Coesão.** Potenciais evolutivos poderão ser liberados pela qualificação de forças de coesão interna e externa no sentido do bem comum possível em toda situação. O trabalho pelo au-

toconhecimento e o governo de si próprio, indissociável da interassistencialidade, estão na base da construção-reconstrução da coesão de nossa estrutura consciencial e visão interna, e da finalidade de criação consciente de união fraterna.

**Antidivergência.** Dar o passo para fora de si mesmo, guiando-nos pelas afinidades conscienciais ou, em meio divergente, pelas possibilidades de ação que em cada momento ofereçam nenhuma ou a menor resistência, é boa estratégia paradireitológica para a automobilização consciente e criadora de mais convergência – maior possibilidade de ver mais, ser mais e unir mais.

**Adesão.** O grau crescente de autotranquilidade e de pró-atividade para colaborar sinergicamente no crescendo da união, agregando forças ao nosso redor, tendo em vista o resultado mais universalista e cosmoético pode se tornar o prenúncio de outra “jurisprudência consciencial” mais favorável à construção progressiva do Estado Mundial.

**Mediação.** A criação de sinergias deve se prestar ao trabalho de esclarecimentos possíveis, conforme a situação, para minimizar ou dissolver conflitos, e não para alimentá-los.

**Dimensões.** A inteligência coletiva estará longe da construção de uma consciência política global se não for fundada a partir da consciência política individual e de sua ação convergente com o outro, com a consciência política do outro (ação em grupos), aqui e agora, e coadunável com outras dimensões.

## CONCLUSÃO

**Demora.** Não há dúvida quanto à necessidade de um trabalho evolutivo perdurável até o alcance do Estado Mundial. Como afirmam Rocha e Seidel (2012), o amadurecimento do grupo é lento até o estado coletivo de lucidez que envolva mais do que o nível médio de lucidez e mais do que a metade dos habitantes de todo o planeta.

**Orientação.** Existe orientação, mas é preciso andar o passo a passo do caminho de harmonização planetária nos planos consciencial e da organização política.

**Opção.** O alcance da consciência política global depende

da opção política dos seres conscientes em geral e dos governantes e líderes diante da evolução da consciência desejável para a humanidade ou a sociedade/cultura particular em que se insere.

**Paradireitologia.** Conhecimentos e reflexões são instrumentos indispensáveis para ampliar a compreensão da complexa realidade evolutiva do planeta em todo lugar. Nessa tarefa inclui-se, naturalmente, a identificação de esclarecimentos e desafios interpostos à plena realização dos princípios paradireitológicos, com ênfase nas teáticas universalistas e cosmoéticas.

**Imagem.** Analogamente a toda equipe de um teatro que participa, mesmo que indiretamente, da atuação de uma orquestra e/ou orquestração de seus instrumentos, qual a parte de trabalho que cabe a cada consciência para colaborar com a harmonia de conjunto inerente à execução da música escolhida ou de outro trabalho cooperativo a ser realizado?

**Agente.** Os processos evolutivos e políticos envolvem todos os habitantes do planeta ou cidadãos de um país. Você, leitor ou leitora, já fez a opção política em se tornar agente confluen- cial (VIEIRA, 2012, p. 313) na direção da unificação das ações necessárias e mais favoráveis à priorização evolutiva pelo esclarecimento universalista e vivência da megafraternidade?

## REFERÊNCIAS

1. **Chardin**, Pierre Teilhard de; *O fenômeno humano*; São Paulo, Cultrix, 1986; página 392.
2. **Csikszentmihalyi**, Mihaly; *Fluir: Una psicología de la felicidad*; 17ª edição; Barcelona; Kairós; 2013.
3. **Guimarães**, Samuel Pinheiro; *Quinhentos anos de periferia*; 4ª edição; Porto Alegre, Rio de Janeiro; Editora da UFRGS/Contraponto; 2002; página 166.
4. **Jung**, Carl Gustav; *Sincronicidade*; 16ª edição; Petrópolis, RJ; Vozes; 2011.
5. **Pinheiro**, Lourdes; *Valores evolutivos universais: Acervo transdisciplinar*; Foz do Iguaçu; Epígrafe; 2015; página 438.
6. **Rocha**, Adriana; **Seidel**, Rafael; *Paradireito e Estado Mundial*; disponível em: <<http://www.juriscons.org/p/palestras-gratuitas.html>>; acesso em: 06.02.2016.
7. **Rosnay**, Joel de; *Le macroscope: Vers une vision globale*; Paris, Seuil; 1975.

**8. Santos, Milton;** *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*; Rio de Janeiro, São Paulo; Editora Record; 2000; página 174.

**9. Vieira, Waldo;** *Agente Confluencial; Binômio Admiração-discordância; Maxiconvergência Incessante*; verbete; In: **Vieira, Waldo (Org.);** *Enciclopédia da Conscienciologia Digital*; 7ª edição; Foz do Iguaçu; CEAEC-Editares; 2012; páginas 313, 1996.

**10. Idem.** *Dicionário de Argumentos da Conscienciologia*; 1ª edição; Foz do Iguaçu; Editares; 2014; página 10.